

CARTOGRAFIAS DO PRAZER E DA MALDIÇÃO: OS BORDÉIS MOSSOROENSES NA DÉCADA DE 1950 E 1960.

Sonní Lemos Barreto
UFRN/Mestranda

sonnilemos@yahoo.com.br

Raimundo Nonato Araújo da Rocha
UFRN/Doutor

raimundononatorocha@yahoo.com.br

Resumo: O trabalho tem como objetivo analisar os espaços ocupados pelos bordéis mossoroenses nas décadas de 1950 e 1960. Pretende-se identificar como os moradores de Mossoró reconstruem, no tempo contemporâneo, as suas memórias sobre o tempo áureo dos bordéis na cidade. A discussão centra-se no “Alto do Louvor”, espaço que era constituído por bordéis de alto e baixo meretrício. O trabalho é concretizado, por um lado, a partir de entrevistas e investigações nos jornais locais e, por outro, a partir das referências que nos instigam a perceber as ucronias presentes nas representações espaciais. Nas entrevistas foram privilegiados dois grupos de depoentes: homens que freqüentavam os cabarés e pessoas que não eram freqüentadoras, mas conviveram cotidianamente com discursos que descreviam as práticas dos bordéis. Nessas entrevistas, buscou-se compreender como as pessoas descrevem os lugares do bordel, comparando-os com outros espaços da cidade. No tocante aos jornais, busca-se entender como o discurso jornalístico da época descrevia os bordéis e seus frequentadores. A meta ampla do trabalho é identificar como esses espaços foram sendo transformados em lugares de prazer e maldição, como lugares comuns se transformaram em lugares marcados moralmente.

Palavras-chave: Espaços da prostituição; Alto do Louvor; História Oral.

Introdução

O presente trabalho tem como escopo analisar as representações construídas pelos mossoroenses acerca dos bordéis nas décadas de 1950 e 1960. A meta ampla do trabalho é identificar como esses espaços foram sendo transformados em lugares de prazer e maldição; como lugares comuns se transformaram em lugares carregados de uma forte carga moral. Para tanto, nos apropriamos da História Oral e de fontes impressas tais como as edições do jornal O Mossoroense que circulavam na cidade durante o recorte em tela. No trato com as fontes impressas procuramos seguir os

conselhos de Pesavento quando a mesma nos alerta para uma questão metodológica importante. Para ela é interessante observar que

O jornal estetiza o fato, ou seja, reorganiza a narrativa, encadeia o enredo, exprime um juízo de valor. (...) o jornal informa, *literariamente*, sobre o acontecido. Procura orientar a opinião pela pena do jornalista, que, por sua vez, porta a sua individualidade em confronto com o horizonte de expectativas de seu meio. Sentidos se superpõem, a narrar uma história verídica, construída pelo discurso jornalístico. (2001, p, 127).

No tocante aos jornais, buscamos entender como o discurso jornalístico da época descrevia os bordéis e seus freqüentadores e, de forma mais elástica, procuramos identificar que lugar social o jornal dedicava a mulher nessa sociedade.

Nas entrevistas, buscou-se compreender como as pessoas descrevem os lugares do bordel comparando-os com outros espaços da cidade. Além disso, dimensionamos o nosso olhar para perceber as ucronias presentes nas representações espaciais dos sujeitos que ao contarem suas histórias nos possibilita enxergar um passado através de uma memória que é sempre selecionada e perspectiva; não obstante, menos verdadeira.

Nossas inquietações teóricas, bem como as motivações subjetivas que nos levaram a escolha do objeto aqui em discussão, a saber: o espaço do bordel foram suscitadas pelo desejo de compreender as relações sociais a partir da margem, a partir daquilo que sobra, que escapa, que transborda, derrama, escorre e vaza para fora da ordem e por isso, incomoda, suscita comportamentos de repulsa e as vezes de encantamento. As práticas dos sujeitos são difusas e repletas de estratégias de burla que imprimem na cidade e nos espaços que a constitui novos usos, novos significados. (CERTEAU, 2008)

O Alto do Louvor: a geografia do prazer e o encanto das noites boêmias em Mossoró-RN.

Compreender o bordel e as práticas que nele se conjugaram nas décadas de 1950 e 1960 em Mossoró não constitui tarefa fácil para o historiador, tanto pela escassez de fontes ditas oficiais – por se tratar de um lugar hostilizado pela sociedade; pela dificuldade de contactar as fontes orais, haja vista que o tempo calou para sempre

algumas vozes; bem como pela dificuldade que temos, enquanto sujeitos sociais que somos em nos libertar de valores e pré-conceitos – estes construídos social e cotidianamente – que lançam sobre estes espaços e seus sujeitos um olhar de alteridade.

A história de Mossoró – segunda maior cidade do Estado do Rio grande do Norte – foi marcada por fatos heróicos¹ que enaltecem os mossoroenses e forjam sua identidade. No entanto, outras histórias estão esquecidas, caladas, obliteradas, emudecidas e guardadas na memória dos sujeitos que vivenciaram uma época dourada da boemia em Mossoró. Reportamo-nos as décadas de 1950 e 1960, em que desabrochavam com sentimentos de ternura, amores maduros e adolescentes em busca de aventuras aos prazeres, onde boêmios, ébrios, prostitutas, cafetinas, pederastas, homens e mulheres construíam suas histórias, fabricavam suas fantasias, vivenciavam as sexualidades de forma plural, recebiam estigmas e degustavam o sabor amargo do preconceito, como também não deixavam de provar “o doce veneno da noite” (NASCIMENTO, 2008).

Nesse contexto, além dos cabarés, figuravam como opções de entretenimento e lazer os cinemas², as praças públicas e os clubes privados³. Contudo, estes últimos eram antes, espaços reservados à chamada boa sociedade, que em sua parcela masculina não deixava de desfrutar os espaços (mal)ditos, tampouco de praticar os espaços não-familiares.

A Rua Nilo Peçanha tinha a essência das noites de boemia, pois lá se constituiu o “*Alto do Louvor*”. Esse espaço conjugava vários estabelecimentos de alto e baixo meretrício. As boates de maior *glamuor* eram *Coimbra*, da proprietária Luzia Queiroz; a boate *Copacabana*, que tinha como proprietária Neusa Barreto; *Pernambucana*, de Enilce; *Estrela*, de Kasi; *Esplanada*, de Mundinha; o *Cassino Las Vegas* e o *Bar*

¹ O pioneirismo na abolição da escravidão, o motim das mulheres, o voto feminino, a resistência ao bando de Lampião. A tríade de eventos que caracterizam Mossoró como pioneira, resistente e libertária é (re)significada anualmente pelo Poder Público Municipal. Para maior aprofundamento sobre essas temáticas ver os trabalhos de BRAZ, Emanuel Pereira. **Abolição da escravidão em Mossoró: pioneirismo ou manipulação do fato.** Mossoró-RN: fundação Vingt-um Rosado, 1999; e FELIPE, José Lacerda Alves. **A (Re) invenção do Lugar: Os Rosados e o “País de Mossoró”.** João Pessoa: Editora Grafset, 2001.

² Cine Pax, Cine Jandaia, Cine Caiçara. O Mossoroense, quinta-feira, 27 de julho de 1961, Ano LXXXIX, nº 3.091, p. 5.

³ Clube Ipiranga, A.C.D.P. e A.A.B.B. O Mossoroense, quinta-feira, 27 de julho de 1961, Ano LXXXIX, nº 3.091, p. 5.

Brahma, de Antônio Amaral, *O Céu de Celso*; *Casa Blanca*; o *Casarão* de Antônio Miranda; *Arpegê*. Os mais modestos ficaram conhecidos como *Cai Pedaco* ou *Rasga* de Gigolete e *A Perseguida*. Atualmente, essa rua ainda abriga casas de prostituição de baixo meretrício e sua história permanece latente na memória dos sujeitos. Conforme relembra saudosamente o Senhor Filemon Rodrigues

“(…) embora seja hoje uma rua totalmente modificada, restando apenas alguns resíduos dos casebres antigos, deixou [saudades] na memória de cada recanto onde reinava a alegria com as músicas que as radiolas tocavam Waldick Soriano, Altemar Dutra, Núbia Lafayette, Nelson Gonçalves, Roberto Muller, entre tantos outros que faziam explodir corações.”⁴

Os bordéis mossoroenses das décadas de 1950 e 1960 abrigavam uma heterogeneidade de mulheres, cada uma com seu estereótipo e suas idiossincrasias. Elas eram loiras, morenas, ruivas, altas, baixas, gordas, magras e, geralmente vinham de outros Estados do Brasil. Também havia aquelas que, mesmo morando na cidade, se sentiam insatisfeitas com o casamento e resolviam “*cair na vida*”, como também havia aquelas que passavam a morar no bordel quando se tornavam vítimas do crime de sedução. Essas mulheres normalmente chagavam para trabalhar nos estabelecimentos mais abastados como a boate *Copacabana* e “depois se depravavam na bebida e terminavam no *Rasga*; era o fim delas, quando chegava no *Rasga*, ai pronto era o fim da linha”⁵.

As prostitutas ou mundanas como eram alcunhadas pelo jornal *O Mossoroense* também não costumavam freqüentar lugares públicos tais como cinemas, igrejas e praças. Tal postura se justificava pela necessidade de se preservar a moral das “moças de família” que, comumente, freqüentavam estes espaços de sociabilidades. De forma símile, não era aconselhado às moças de família transitar pelo Alto do lóvor, essa conduta poderia macular a honra das mulheres e causar escândalo público. Um caso dessa natureza tornou-se notícia no jornal local, quando Manoel de tal, funcionário da Cia de Comercio e Navegação, de Areia Branca conduzia esposa e filha pelo baixo meretrício. O ato de Manoel de tal foi noticiado como sendo um dos eventos mais repugnantes e, por isso merecedor de figurar na crônica policial. A postura de Manoel

⁴ Jornal *O Mossoroense*, 28 de julho de 1996. (Crônica de autoria do Sr. Filemon Rodrigues).

⁵ Entrevista cedida pelo senhor “Burica” no dia 31 de janeiro de 2010.

provocou a atenção da polícia e de populares no baixo meretrício como evidencia a seguinte nota:

Manoel de tal, no domingo à tarde embriagado, conduziu sua esposa e uma filha de 10 anos pela zona do baixo meretrício mesmo que ambas rondassem por todo o ambiente, conhecendo tudo que ali se passa. Nessa mesma ocasião o mesmo, ao tentar prática tão infamante contra sua própria família, foi interpelado por um policial que, depois de grande trabalho e esforço, conseguiu dissuadi-lo a força, de tamanha ignomínia. No momento que o policial usava dos meios para retirar os três do local, reinou grande confusão, tendo alguns populares feito roda em torno dos contendores, que discutiam em alta voz, chegando mesmo a luta corporal. Vencido, Manoel de tal resolveu regressar ao lar com mulher e filha.⁶

O trânsito de prostitutas nas ruas da cidade era considerado por alguns um verdadeiro ultraje, uma ameaça aos bons costumes e aos valores da família. Esse pensamento encontra alicerce nas teorias médico-sanitaristas do século XIX (ENGEL, 1989) criadas num contexto de modernização dos centros urbanos europeus e apropriadas no Brasil republicano. Essas teorias costumavam associar à prostituta a uma série de doenças que poderiam ser disseminadas pelo contato. Para além de fatores físicos, imputou-lhe também o perigo da degeneração moral, uma vez que o comportamento desregrado das prostitutas figurava como mau exemplo e poderia cooptar mulheres direitas ao mundo da perdição. Muitos desses argumentos serviram de justificativa para o deslocamento da zona do meretrício do centro de muitas cidades. Conforme assevera Gabriela Silva Leite a zona como um espaço moralmente segregado da cidade pode, ao mesmo passo, ser considerado “um mundo como outro qualquer”, com regras próprias e com uma sociabilidade específica, esse submundo pode admitir uma imagem romântica de “uma cidade dentro da cidade” (1992, p.70)⁷.

Na Mossoró boêmia dos anos de 1950 e 1960 a presença de prostitutas em bairros fora da *zona* suscitava a atenção de autoridades como a do vereador Joel Martins do Nascimento que, incomodado com a presença de “mulheres seminuas e com cenas

⁶ O Mossoroense, 28 de agosto de 1956, Ano X, nº 578, s/p.

⁷ Trata-se de uma biografia em que a autora narra sua trajetória no mundo da prostituição, bem como relata seu engajamento nos movimentos sociais. Gabriela não vitimiza a prostituta, tampouco tenta homogeneizá-la, ao contrário, concebe a prostituição como um mundo múltiplo que deveria ser respeitado pela sociedade. A autora busca, em sua narrativa, denunciar as hipocrisias que a sociedade alimenta sobre a prostituição e a sexualidade, defendendo a institucionalização da prostituição como uma profissão como qualquer outra, pois, segundo ela, o enquadramento dessa atividade como contravenção pelo Código Penal de 1940, não fez com que essa prática fosse extinta, ou mesmo totalmente controlada.

não recomendáveis para um bairro onde residem famílias e existem várias escolas” solicitou à câmara que se dirigisse ao delegado de polícia da cidade “(...) no sentido de que fossem tomadas as providências necessárias para evitar que mulheres do baixo meretrício da cidade procedessem imoralmente nas ruas do bairro São José ”⁸.

Dessa forma, as apartações foram forjadas para separar o espaço do sagrado e do profano na sociedade mossoroense, sendo o primeiro reservado a família e o segundo definido como receptáculo da libido masculina e da conduta desregrada de mulheres infames. As fronteiras simbólicas da moral foram erguidas mediante a construção de práticas e discursos que traçavam para o bordel uma gama de estereótipos negativos, que o apresentam como lugar do desvio e da transgressão.

Geralmente, os bordéis são percebidos como “territórios da alteridade condenada” (PESAVENTO, 2003 p. 69-71) por abrigarem práticas sexuais plurais tidas como desviantes e porque nesse espaço se aloja a prostituição. Esse fenômeno se apresenta de várias formas em diferentes meios sociais e, por isso, apresenta para cada contexto a sua especificidade. Entende-se como prostituição qualquer relação que ocorre a troca de sexo pelo dinheiro ou em que haja alguma compensação financeira ou material, em que é possível haver uma infinidade de parceiros e de experiências diferenciadas (RUSSO, 2006, p. 99).

O bordel visto, como espaço⁹ (CERTEAU, 2008) de desvio e a prostituição concebida como prática adjeta são representações¹⁰ (HARTOG, 1999, p. 229-271);

⁸ O Mossoroense, 29 de agosto de 1957, Ano XI, nº 861, s/p.

⁹ Utilizamos o conceito de espaço a partir da perspectiva empreendida pelo francês Michel de Certeau em que o mesmo considera ser o espaço um lugar praticado, subjetivado, um lugar de mobilidade, um lugar antropológico. Dessa forma, ao dizer que o espaço é um lugar praticado, Certeau chama a atenção dos historiadores para perceberem que os homens moldam os espaços, quer seja pela simples caminhada ou mesmo no modo como o relatam e o descrevem. Assim, à medida que o lugar é praticado vai se transformando em espaço.

¹⁰ Privilegiando o enfoque da Nova História Cultural que incide em chegar ao real através do modo pelo qual os homens o recriam e atribuem sentido às coisas, estabelecendo distinções e valores o conceito de representação é aqui utilizado a partir das elaborações teóricas de dois autores, a saber: François Hartog e Roger Chartier. O primeiro nos leva a perceber a representação como produtora de um real que modifica um tempo histórico e o segundo nos conduz a pensar a recepção destas representações. De forma mais específica, o conceito de “*retórica da alteridade*” de Hartog nos possibilitou pensar a relação *nós* e os *outros* (bordel/rua; prostituta/mulher honesta) a partir da construção de uma identidade, que é, antes de tudo, produto de uma intenção entre sujeitos que se constituem enquanto se comunicam. Tratando do segundo autor, Chartier assevera que as apropriações podem ser entendidas como práticas de produção de sentido, dependentes das relações entre textos, impressão e modalidades de leitura, sempre diferenciadas por determinações sociais.

(CHARTIER, 1990) que indiciam a forma que a sociedade enxerga o sexo, a moralidade e o casamento. Essas representações, largamente divulgadas na literatura e na historiografia nos revelam formas de ver e dizer o bordel. Nesse sentido, sem necessidade de correspondência exata com a realidade Pesavento entende que

(...) as representações se impõem por critérios de plausibilidade, verossimilhança, pelo recurso a estratégias discursivas dotadas de forte apelo de positividade, pelo emprego de imagens portadoras de enorme capacidade de mobilização e pelo uso de práticas sociais eficazes e sedutoras. As representações, que têm *efeito de real*, ultrapassam a função de re-figuração do mundo social e chegam a produzir a própria realidade. (PESAVENTO, 2001, p. 9)

A historiadora Sandra Jatahy Pesamento busca na obra intitulada “*Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*” pensar a construção e a exclusão na Porto Alegre do século XIX a partir da construção das espacialidades e de como a geografia urbana e moral se estabelece na cidade. Para tanto, a autora busca entender como as ruas se transformam em becos e como estes, são tidos como lugares de enclave e, portanto, se constituem como *maus lugares*. Segundo ela, a narrativa jornalística cria representações sobre as ruas estreitas e as transformam em becos, porém, essa nomenclatura indica uma depreciação ao passo que o beco passa a ser o espaço que concentra o pobre, encravado no coração da cidade. A apreciação topográfica cede lugar a uma avaliação moral, estética e higiênica dos becos. Estes se apresentam como espaços malditos por abrigarem bordéis, bodegas e casas de jogo, lugares habitados por indivíduos, por fulanos de tale e nunca por cidadãos. A meretriz era, pois, a atriz principal dessa outra cidade, ela estava envolvida em praticamente todas as tramas cotidianas tecidas na urbe, fossem crimes de amor, suicídio, ciúmes ou mesmo desavenças corriqueiras. Os bordéis se configuravam como epicentro dos becos. A alteridade também se fazia sentir nos espaços habitados por negros; a cidade tinha cor e nela ocorriam “negros delitos”.

As mundanas também se apresentavam como protagonistas de muitas tramas cotidianas que se tornaram notícia no jornal em circulação em Mossoró dos anos de 1950 e 1960. A Rua Nilo Peçanha tornou-se palco de muitas brigas, homicídios, desavenças, disputas amorosas, ao mesmo passo que também abrigou noites festivas de

muita alegria e descontração. Dentre os casos relatados pelo jornal está o homicídio do ourives Jetro Diniz. O mesmo estava farreando no baixo meretrício na companhia do motorista Alcindo Gomes de Araújo, que depois de uma discussão recebeu de Alcindo uma facada mortal.¹¹ Além desse caso, havia brigas constantes como a que ocorreu entre Barnabé Estevão e sua amasia. Relata o jornal que ambos “se empenharam em luta corporal e praticaram desordens, saindo a mulher com contusões numa das vistas, além de hemorragia nasal”.¹²

Contudo, há relatos que consideram o Alto do Louvor um espaço festivo, uma espécie de terapia para aqueles que o freqüentavam. Além disso, na contramão do que expressava o discurso jornalístico da época, muitas narrativas representam positivamente as pessoas que trabalhavam no Alto do Louvor, afirmando que se tratava de gente de bem. Dona Raimunda, uma das nossas entrevistadas que conta hoje com oitenta e três anos de idade nos relata sua experiência com o Alto do Louvor. Ela afirma que muitas prostitutas e homossexuais da época se tornaram seus fregueses, haja vista ser ela uma costureira requisitada. A mesma relembra que essas pessoas “eram gente muito boa, vinham na minha casa, me respeitavam; meu filho mais velho ia deixar costura lá, elas gratificavam ele. Graças a Deus era um pessoal muito bom, ótimo”.¹³ Já dona Chiquinha nos fala um pouco sobre as mulheres que trabalhavam na boate Coimbra da proprietária Luzia Queiroz, segundo ela:

“(...) era uma boate muito conhecida, que tinha gente direita, muita mulher animada, muita mulher bem trajada, as mulheres boas, que hoje já não existe isso, né? Porque hoje o que existe é aquela esculhambação no meio da rua e isso não existia.”¹⁴

Faz-se necessário observar que dona Chiquinha elabora sua narrativa sempre estabelecendo uma comparação entre o que existe hoje e o que existiu no passado; sua memória está repleta de valores e conceitos que se modificaram ao longo do tempo, mas ainda orientam sua trajetória e forjam ucronias. Ela observa que mesmo exercendo a

¹¹ O Mossoroense, 16 de agosto de 1953, Ano VII, nº 361, p. 5

¹² O Mossoroense, 30 de agosto de 1956, Ano X, nº 580, s/p

¹³ Entrevista cedida pela senhora “Raimunda” no dia 03 de fevereiro de 2010

¹⁴ Entrevista cedida pela senhora “Chiquinha” no dia 03 de fevereiro de 2010

prostituição aquelas mulheres adotavam regras de conduta no meio social, embora burlassem essas mesmas regras nos espaços dos bordéis.

Seu Burica, um dos nossos entrevistados nos relata que teve acesso ao contexto do *Alto do Louvor* logo quando na sua mocidade, por volta dos dezessete anos de idade. Segundo ele, esse espaço se configurava como um ambiente de festa, a maior da cidade onde se freqüentava “todo tipo de gente, andava todo tipo da sociedade” sendo que nas boates consideradas de alto padrão freqüentavam as pessoas mais abastadas e naquelas mais modestas faziam a festa aqueles que não dispunham de muito dinheiro para gastar.¹⁵

Conceituar a prática prostituinte não basta para entender o universo do bordel, se faz mister compreender o contexto em que a mesma se insere e trazer à luz alguns elementos que a caracterizam como atividade marginal, que a inserem juntamente com o bordel, no campo da anormalidade – a sociedade patriarcalista em que vivemos; o sexo com finalidade reprodutiva; a monogamia exigida pelo matrimônio acompanhada da virgindade que deve precedê-lo e da fidelidade que deve acompanhá-lo –, são paradigmas que, apesar das mudanças que se processaram hodiernamente, mantêm vivas algumas chamas das quais emanam o preconceito e que relegam as insubmissões à marginalidade.

Uma prática corrente no jornal *O Mossoroense* era alertar as moças e senhoras dos perigos e infortúnios que o mundo poderia trazer à uma mulher que não tivesse uma vida regrada dentro dos padrões estabelecidos pela moral burguesa. Para atender a esse propósito, foi reservado no jornal um espaço intitulado *Segunda Tertúlia* que cumpria o papel de aconselhar as mulheres a empreender uma conduta de recato, dedicação ao lar e submissão ao marido:

“Quando uma jóia se perde,
Ainda pode ser achada,
Porém a mulher perdida
É doente desenganada
Quando uma mulher resvala
Para o plano subalterno,
Vê a legenda que Dante
Leu sobre as portas do inferno”¹⁶

¹⁵ Entrevista cedida pelo senhor “Burica” no dia 31 de janeiro de 2010

¹⁶ *O Mossoroense*, 24 de agosto de 1952, Ano VI, nº 310, s/p

“A moça que, por desgraça
Entra a estrada da vida
É como estrela cadente:
Brilha e cai... está perdida!
A pureza da inocência
É um estado de graça;
Mas por vezes é a causa
E motivo da desgraça¹⁷

Os conselhos estavam sempre alertando as mulheres da sua função social, ou seja, visavam forjar um ideal de feminilidade voltado para a maternidade e o casamento. O seu contrário era a vida na prostituição que, além de deslocar a mulher para a marginalidade, nem sempre apresentava finais felizes. Promover uma nova representação simbólica da mulher, casta e pura, em oposição à imagem sombria, estigmatizada e degenerada da prostituta, constituiu peça fundamental da estratégia jornalística para manter vigente a moral burguesa.

Na coluna Intitulada: *De tudo um pouco* havia um espaço reservado para a mulher e para o lar, em que mais uma vez, os conselhos ganhavam tom de imposição para o público feminino. Estes procuravam controlar as vestimentas, as formas de se portar em público e até mesmo a conduta feminina para com o marido.

As moçinhas de quinze e vinte anos não devem adotar vestidos de decote amplo, para a rua. Sua preferência recaindo em trajes de gola alta, coincidiria com um princípio de bom gosto e louvável descrição.¹⁸

As jovens ou senhoras, que viajam sozinhas, devem procurar evitar chamar a atenção por seus modos desenvoltos, ou por suas “toiletts” exageradas, pois tal proceder está em desacordo com o recato que as mesmas devem sempre ter.¹⁹

Não discuta com o seu marido; não exija dele nenhum sacrifício para ter luxo; escute-o com paciência; mostre sempre doçura e um sorriso bom, se está de mau humor; não proteste, não fale, não se queixe...
Verá como desse modo, se sentirá bem mais feliz.²⁰

¹⁷ O Mossoroense, 12 de maio de 1952, Ano VI, nº 296, s/p

¹⁸ O Mossoroense, 4 de abril de 1954, Ano VIII, nº 404, s/p

¹⁹ O Mossoroense, 7 de fevereiro de 1954, Ano VIII, nº 390, s/p

²⁰ O Mossoroense, 04 de fevereiro de 1954, Ano VIII, nº 389, s/p

Nesse sentido, o espaço público feminino em Mossoró contava com um código de postura que contrastava com aquele adotado pelas prostitutas. O cuidado com o decote, com a maquiagem e o perfume, bem como com a exposição das mulheres desacompanhadas figuravam nos jornais como preocupação constante. Assim, o acatamento de regras e posturas que qualifiquem moralmente uma moça ou senhora acabava por criar uma espacialidade para a cidade e outra para a zona. O modelo de mulher idealizado pelos jornais a apresentava como o oposto da prostituta. Esta representaria, no seu modo de vida e na sua conduta, tudo o que uma *mulher direita* não poderia ser.

Considerações finais

O intuito deste trabalho consistiu em perceber algumas das representações sociais forjadas pelo discurso jornalístico e pelas narrativas dos mossoroenses acerca do tempo áureo dos bordéis na cidade nos anos de 1950 e 1960. Descortinar esse horizonte sombrio e, ao mesmo tempo maravilhoso em que se constituiu o *Alto do Louvor* nos permitiu perceber como as espacialidades são construídas dentro da cidade a partir das práticas sociais dos sujeitos. Essas mesmas práticas forjam apartações sociais, instituem fronteiras e definem identidades.

Tentamos mostrar em nosso trabalho que o espaço é, antes de tudo, uma construção humana. Pois, aos espaços comuns da cidade são agregados valores morais que os transformam em lugares malditos. O *Alto do Louvor* foi sendo transformado em um lugar de prazer e maldição pelo discurso jornalístico, identificando de mundanas, meretrizes e fulanas de tal as mulheres que lá moravam e/ou trabalhavam. Contudo, tentamos mostrar também outras representações que apresentam o *Alto do Louvor* como um lugar festivo em que os cabarés e pensões alegres não se configuravam apenas como casas de venda de sexo, mas locais de trocas de experiências entre homens e mulheres, ponto de encontro entre amigos que almejavam gastar os trocados com uma “lapada” de cana ou copo de cerveja e escutar uma boa música. Onde as mulheres, mesmo sendo prostitutas eram consideradas pessoas de bem, que sabiam respeitar o espaço que a sociedade lhes reservara.

Portanto, as memórias que reconstroem, no tempo contemporâneo, uma época áurea dos bordéis mossoroenses retratam principalmente a história de vida de pessoas que tiveram sua infância marcada pela magia do bordel e que, como estratégia de burla estabeleceram relações de camaradagem e confiança com pessoas que habitavam esses espaços.

Referências

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Col. Memória e Sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto; ensaio sobre a representação do outro**. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte. Editora: UFMG, 1999

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX**, São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2001.

LEITE, Gabriela Silva. **Eu, mulher da vida**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

NASCIMENTO. Uelba Alexandre do. **O doce veneno da noite: prostituição e cotidiano em Campina Grande (1930 – 1950)**. Campina Grande: EDUFCEG, 2008.

RUSSO, Gláucia Helena Araújo. **Rodando a bolsinha: dinheiro e relações de prostituição**. Natal, 2006. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Fontes Impressas:

Jornal O Mossoroense, 12 de maio de 1952, Ano VI, nº 296, s/p

Jornal O Mossoroense, 24 de agosto de 1952, Ano VI, nº 310, s/p

Jornal O Mossoroense, 04 de fevereiro de 1954, Ano VIII, nº 389, s/p

Jornal O Mossoroense, 7 de fevereiro de 1954, Ano VIII, nº 390, s/p

Jornal O Mossoroense, 4 de abril de 1954, Ano VIII, nº 404, s/p

Jornal O Mossoroense, 28 de agosto de 1956, Ano X, nº 578, s/p.

Jornal O Mossoroense, 29 de agosto de 1957, Ano XI, nº 861, s/p.

Jornal O Mossoroense, quinta-feira, 27 de julho de 1961, Ano LXXXIX, nº 3.091, p. 5.

Jornal O Mossoroense, 28 de julho de 1996.

Fontes Orais:

Entrevista cedida pelo senhor “Burica” no dia 31 de janeiro de 2010

Entrevista cedida pela senhora “Raimunda” no dia 03 de fevereiro de 2010

Entrevista cedida pela senhora “Chiquinha” no dia 03 de fevereiro de 2010